

## Das trilhas indígenas às rotas de fuga: um estudo transdisciplinar da Ilha Grande

Dirce Eleonora Nigro Solis<sup>1</sup>  
Nanci Vieira de Oliveira<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo traz uma experiência inédita de estudo transdisciplinar envolvendo as ciências humanas na UERJ, mais especificamente a arqueologia, a filosofia e a história. A Ilha Grande sedia o Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável – CEADS, o Eco Museu de Ilha Grande (Vila Dois Rios), espaço administrado pela UERJ. Ali se encontram sítios arqueológicos pré-coloniais, vestígios das estruturas de fazendas e as construções do antigo Complexo Penitenciário. Configura-se, então, em espaço relevante para pesquisas arqueológicas, históricas, problematizações filosóficas e epistemológicas. Dentro de uma proposta transdisciplinar busca estabelecer diálogo entre as áreas de arqueologia, história e filosofia, analisando as experiências históricas e sociais na Ilha Grande ao longo dos tempos.

**Palavras-chave:** sítio arqueológico; cultura material; espectros; trilhas; rotas de fuga

### Abstract

This article brings an unprecedented experience of transdisciplinary study involving the humanities at UERJ, specifically archeology, philosophy and history. Ilha Grande hosts the Center for Environmental Studies and Sustainable Development - CEADS, the Eco Museum of Ilha Grande (Vila Dois Rios), a space managed by UERJ. There are pre-colonial archeological sites, traces of farm structures and the buildings of the former Penitentiary Complex. It is then configured in a relevant space for archaeological, historical research, philosophical and epistemological problematizations. Within a transdisciplinary proposal it seeks to establish dialogue between the archeology, history and philosophy areas, analyzing the historical and social experiences in Ilha Grande throughout the ages.

**Keywords:** archaeological site; material culture; specters; trails; escape routes.

Dia de Reis, em 6 de janeiro de 1502 foi descoberta a Ilha Grande pelo navegador Gonçalo Coelho. Situada no município de Angra dos Reis, Rio de Janeiro, teve seu reconhecimento como importante área de Mata Atlântica em 1986 quando passa a integrar a Área de Proteção Ambiental de Tamoios, sendo tombada pela Secretaria de Estado de Cultura (Resolução 29, de 14/10/87) e em 1988 passa a ser considerada patrimônio nacional pela Constituição Federal. Os índios tamoios lhe deram o nome *Ipaum Guaçu*, tão grande parecia que seus descobridores acharam se tratar de um continente tendo a seu leste a desembocadura de um grande rio. Desde seu descobrimento a Ilha Grande passa a ser um dos locais preferidos dos navegantes não só portugueses, mas também espanhóis, ingleses, franceses e holandeses. No século XIX o

<sup>1</sup> Professora Titular do Departamento de Filosofia/IFCH-UERJ

<sup>2</sup> Professora Adjunto do Departamento de Arqueologia/IFCH-UERJ

povoado ali existente, chamado então Freguesia de Santana de Ilha Grande de Fora, converte-se em entreposto de tráfico de escravos, o que irá perdurar até a Abolição em 1888. Com a República, em 1891, foram criados os seus dois primeiros distritos: Abraão e Sítio Forte, a atual Araçatiba.

A cultura da cana-de açúcar dá início à colonização da Ilha (1725-1764) que mais tarde com o ciclo do café (1772-1890) teve seu período de prosperidade. No entanto, com o fim da escravidão, esta última cultura entra em decadência. O local torna-se, então, propício ao contrabando de inúmeros produtos, dentre eles o Pau-Brasil. Ainda no século XIX, Pedro II maravilhado com as belezas naturais da Ilha, adquire a Fazenda do Holandês, atual Vila do Abraão e a Vila Dois Rios. Na primeira foi construído um centro de triagem e quarentena para passageiros de navios, principalmente em virtude da ameaça de cólera, o Lazareto. Uma barragem e um aqueduto foram erguidos para trazer água do córrego do Abraão para o Lazareto que será mais tarde desativado e que irá funcionar como prisão política. Em 1903 foi criada a Colônia Correcional de Dois Rios que em 1940 passa a ser reformada como Instituto Penal Cândido Mendes e que abrigará presos comuns e presos políticos.

Um lugar considerado paradisíaco, portanto, escolhido para a construção de um Lazareto, posteriormente uma Colônia Correcional e, finalmente, o Instituto Penal Cândido Mendes. Lugar outrora ocupado por indígenas que se transforma em paraíso para piratas e traficantes de escravos, tornando-se local de uma das piores instituições carcerárias da história do Rio de Janeiro, entrelaçando a prisão com a história política e dos direitos civis do país.

Em 1994 o Instituto Penal Cândido Mendes existente em Dois Rios foi desativado pelo Governador Leonel Brizola, sendo as áreas e benfeitorias relacionadas ao referido presídio concedidas à Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.

De acordo com o Termo de Cessão de Uso nº 21, de 18/10/1994 caberia à universidade a implantação de um Centro de Estudos, o CEADS<sup>3</sup>- Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável- e um Museu com objetivo de pesquisar e preservar os

---

<sup>3</sup> Trata-se do atual alojamento em Dois Rios para abrigar os pesquisadores da UERJ durante o trabalho de campo. O CEADS dispõe de auditório para conferências, palestras e cursos, salas de pesquisa, inclusive experimental, internet, dormitórios para mais de 60 estagiários e pesquisadores, além de suítes para os professores. Possui também refeitório e área e espaço comum de convivência. A UERJ disponibiliza também duas outras casas sob sua administração para alojamento dos pesquisadores. Cabe enfatizar que a utilização dos alojamentos inclui diárias para atender aos gastos para a manutenção dos mesmos.

diversos aspectos relacionados aos ecossistemas e memórias da Ilha Grande. A proposta do museu (2004), de acordo com a professora Myriam Sepúlveda dos Santos pesquisadora do ICS/UERJ, deveria estar voltada para a preservação ambiental e da história da Ilha Grande, com a participação de moradores, pesquisadores e instituições.

Já nos primeiros anos de atuação da UERJ na Ilha Grande, pesquisadores do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH- estiveram presentes, seja em visitas de reconhecimento ou discussões para implementação de projetos. Em 2008, os estudos deram origem ao grupo de pesquisa “Arte, Poder e Cultura”, e seus resultados permitiram a criação do site com o objetivo de divulgar as pesquisas e disponibilizar fotografias, vídeos, documentos e artigos publicados. O material disponibilizado pelo referido site representa uma importante fonte para pesquisas históricas e arqueológicas, bem como para as reflexões conceituais filosóficas, envolvendo pesquisas dos departamentos de Arqueologia, História e Filosofia, num projeto guarda-chuva sob o título “Cultura Material, Memória, Espaço e Paisagem”.

Até o presente momento, podemos observar que a maior parte dos sítios arqueológicos registrados na Ilha Grande estão localizados próximos ao mar, havendo desconhecimento de vestígios de ocupações anteriores no interior da mesma. Os levantamentos arqueológicos relacionados à identificação de antigos caminhos e rotas de fuga, no entanto, estarão permitindo a penetração para o interior da ilha e a identificação de novos sítios arqueológicos.

A atuação de diferentes áreas de conhecimento no espaço do CEADS será enriquecida com as pesquisas propostas pelo projeto que em termos gerais está referenciado nesse artigo, o que além de fortalecer a interdisciplinaridade, pretende implementar uma transdisciplinaridade com a construção de conhecimento que atravesse as disciplinas envolvidas nas discussões comuns. A transdisciplinaridade que busca o projeto, estabelecendo um diálogo constante entre diferentes áreas de conhecimento, não impede a existência de metodologias específicas de cada área, de forma a obter dados que contribuam para a interpretação arqueológica (Randall, 1996; Orser Jr, 1999), histórica e filosófica, permitindo um outro olhar para as sociedades do passado e a discussão sobre o próprio discurso dos pesquisadores.

A identificação de antigos caminhos, rotas de fuga, vestígios e estruturas arqueológicas, resultará em estratégias para preservação e elaboração de um zoneamento arqueológico para futuras pesquisas. Destacamos como estratégia preponderante a sensibilização da

comunidade interna e externa com relação à preservação do patrimônio histórico-cultural e arqueológico, atuando em conjunto com outras equipes envolvidas na região, com a elaboração e execução de proposta de Arqueologia Pública.

Cabe enfatizar que a Ilha Grande como espaço de pesquisa e discussão, torna-se um laboratório vivo para a formação de alunos de graduação e pós-graduação, ou seja, para a construção de conhecimento empírico e teórico.

Assim, *Das trilhas indígenas às rotas de fuga: um estudo transdisciplinar da Ilha Grande* se configura como pesquisa que tem por proposta estimular análises das experiências históricas e sociais na Ilha Grande ao longo dos tempos, com abordagem também filosófica.

Para dar conta da perspectiva geral trazida para esta pesquisa é importante observar que para o sul fluminense há um relato bastante conhecido de Hans Staden ([1557]1988), artilheiro alemão, que na condição de prisioneiro, visitou e descreveu cinco aldeias dos Tamoios/ Tupinambá, além de um “local de pouso”. Utilizando as descrições de Staden, Kloster (1942) estabeleceu a localização aproximada destas aldeias: Ubatuba onde Staden ficou como prisioneiro, situada na enseada de Mangaratiba ou em Angra dos Reis; Araripe, aldeia cujo chefe era Cunhambebe, deveria estar situada em Ariró, na baía da Ribeira; Mambucaba, aldeia incendiada durante a permanência de Staden entre os Tupinambá e que ainda é nome de localidade atual situada no município de Angra dos Reis; Ticoaripe, estaria situada em Taquari (município de Paraty); Taquaraçú-tiba, aldeia mais próxima ao município do Rio de Janeiro, acessível pela baía de Sepetiba. Além das aldeias, aparecem referências a acampamentos tupinambás ao longo do litoral, como o de Ocaraçu, onde os indígenas pousaram durante uma tempestade, sendo este instalado com cabanas no continente, precisamente em Paraty, área de domínio de indígenas Guaianá. Staden também menciona que os Tupinambá evitavam a Ilha Grande em decorrência da presença de aldeias Guaianá.

Cabe lembrar que no século XVI o litoral sul fluminense esteve envolvido nos conflitos entre portugueses e franceses, pois os indígenas que o ocupavam eram, em sua maioria, aliados destes últimos. Somente com a intervenção dos jesuítas, no ano anterior à conquista do Rio de Janeiro, se estabelece a paz entre as aldeias do sul fluminense e os habitantes de São Vicente, o que permitiu a ocupação portuguesa. Inicialmente de forma ainda tímida, pois Knivet ([1591]1875) menciona dois ou três portugueses habitando a Ilha da Gipóia e alguns poucos na Ilha Grande.

A baía de Ilha Grande, constantemente visitada por navios franceses interessados no contrabando de pau-brasil, tem um aumento em seu número a partir do final do século XVII devido ao ouro que descia das Minas Gerais até Paraty, de onde seguia para a cidade do Rio de Janeiro. A presença de navios franceses era responsável não somente pela entrada ilegal de escravos africanos e contrabando do ouro, facilitados pelas características geomorfológicas da região, mas também pelos constantes ataques às vilas de Angra dos Reis e Paraty.

A preocupação com a vulnerabilidade desta região se confirma com a tentativa de invasão de Duclerc (1710), embora a cidade tenha sido avisada através da rede de vigias existente no litoral. De acordo com a correspondência de Luiz Vahia Monteiro (1726), no litoral sul fluminense foram instaladas várias peças de artilharia de pequeno calibre em diversas enseadas e locais propícios ao desembarque de navios estrangeiros. Em meados do século XVIII, o perigo castelhano no sul do Brasil colocou novamente em alerta a cidade do Rio de Janeiro e, as estruturas defensivas e vigias tornam-se importantes no litoral sul fluminense. Ao mesmo tempo verificamos aumento de doação de sesmarias de forma a impedir a permanência de franceses e outros corsários, principalmente na Ilha Grande que até 1725 correspondia a área proibida (Gurgel & Amaral, 1978; Mello, 1987).

A recuperação dos antigos caminhos e abertura de novos, em conjunto com a produção de café no Vale do Paraíba, deram novo impulso ao litoral Sul fluminense. Os portos de Angra dos Reis tornam-se importantes para escoamento de café e entrada de escravos africanos, devido ao desenvolvimento da cafeicultura em Areias e Bananal (Mendes, 1970:358; Vasconcellos, 1998). Nas primeiras décadas do século XIX a Ilha Grande parece ter sido o local privilegiado para o desembarque ilegal de escravos africanos, principalmente nas fazendas de Dois Rios e do Abraão (Lima, 1889:178). De acordo com Mello (1987), a Fazenda de Dois Rios, propriedade de Cunha Guimarães, apresentava diversas construções e inúmeros escravos, sendo a praia do Caxadaço utilizada como entreposto comercial e tráfico. Deste período sobreviveram as histórias da Toca das Cinzas, situada no caminho que leva de Dois Rios em direção a Parnaioca, como local de depósito dos escravos, com a presença de grande quantidade de fogueiras.

No final do século XIX, de acordo com a política higienista da época, a comissão responsável apresentou relatório onde estabelecia as diretrizes para a construção de um lazareto e os motivos por que situá-lo na enseada do Abraão, na Ilha Grande. De

Lazareto a Colônia Penal Cândido Mendes, junto com a Colônia Agrícola do Distrito Federal, instalada em Dois Rios, tornou-se a Ilha um dos mais significativos complexos penitenciários do período republicano (Santos, 2007). O Presídio de Ilha Grande foi local de uma das piores instituições carcerárias da história do Rio de Janeiro, entrelaçando a prisão com a história política e dos direitos civis do país. Conhecida como Caldeirão do Inferno, a Colônia Correccional de Dois Rios visava afastar da cidade “bêbados, mendigos, vagabundos”, mas, por extensão, os presos comuns ditos irrecuperáveis. Escapar do Caldeirão do Inferno por meios legais, porém, não era de todo impossível. Porém, aos que não eram “beneficiados” pela lei, restavam as rotas de fuga que também não eram desprezíveis. Rotas que, provavelmente, correspondiam às antigas trilhas dos antigos habitantes, dentre eles os índios, utilizadas para esconder escravos e que finalmente serviram às tentativas de fuga dos prisioneiros.

A escolha da Ilha como sítio de pesquisa interessa às áreas da arqueologia, história e filosofia, trazendo a possibilidade de demarcação de trilhas, desde a ocupação indígena e o período escravista até a sua transformação em polo prisional, onde nosso recorte principal são, repetimos, as rotas de fuga. Reforçamos, então, nosso interesse em relação à espacialidade de Ilha Grande com o intuito de investigar, além das trilhas demarcadas pela presença indígena e pelos escravos, e considerando a história dos presídios, mais especificamente o de Vila Dois Rios, suas possíveis rotas de fuga.

O Presídio de Vila Dois Rios abrigou personalidades famosas tais como Orígenes Lessa, Agildo Barata, Graciliano Ramos. Adaptar-se à vida da Ilha, às condições sofríveis a que estavam condenados os presos, trazia a dimensão do insuportável e do praticamente impossível. Muitos visualizavam como única possibilidade de sobrevivência o tentar fugir. Rotas de fuga foram traçadas para o mar, principalmente pelas matas. Os que tentavam eram duramente caçados pelos trilheiros locais, rastejadores conhecidos como “cachorrinhos do mato”. Terminavam, na maioria das vezes, por encontrar pelo caminho a morte ou se recapturados, eram barbaramente torturados. São esses espectros, abordados do ponto de vista arqueológico, histórico e filosófico, que rondam esses destinos de aprisionamento na Ilha e que serão pontuados em nossa pesquisa.

A Colônia Penal reaproveitou as edificações da antiga Fazenda Dois Rios que ia da Praia de Santo Antônio até Parnaioca, sua casa grande e a senzala. Mas em 1896 a Colônia foi desativada por ser considerada experiência fracassada. No entanto, em 1903, resolvidas algumas pendências econômicas, a Colônia foi reaberta. No Governo Vargas

além de criminosos comuns, ativistas políticos foram para lá enviados. Graciliano Ramos foi um desses condenados enviados para a Ilha e em suas *Memórias do Cárcere* (ed 1984) narra os dias que pareciam anos, passados no inferno, denunciando o mau tratamento e o descaso com os presos descritos por ele como animais confinados em cercas de arame farpado.

Os presos são homens em condições da mais abjeta animalidade, tal como podemos atestar em *Memórias do Cárcere* de Graciliano:

“Os homens do trabalho foram chegando, sujos de pó vermelho, suarentos. Cerca de meio-dia saímos do galpão, outra vez nos dirigimos ao refeitório. Vi-me sentado entre as figuras vagamente percebidas pela manhã (...). Colheres e pratos de folhas tiniram, chocando-se na distribuição, e logo veio a comida: feijão negro, farinha, um pedaço de carne. Uma insignificância, ninguém podia alimentar-se com tão pouco. Mas o que me assombrava era o aspecto da boia. Horrorizei-me, pensando em vômito, em lata de lixo. Afirmo a mim mesmo ser impossível um estômago suportar aquilo, observava o contrário, numerosas pessoas devorando sôfregas, insensíveis à porcaria e ao cheiro teimoso de podridão.” (Ramos, 1984, vol 2, 365).

Considerada prisão de segurança máxima, a única saída era, no entanto, a fuga, para quem não tivesse recursos ou padrinhos. E muitas foram tentadas. As rotas de fuga eram geralmente traçadas pelas matas, mas tentando atingir a praia e a fuga pelo mar. Trilhas podem ser traços, mas para efeitos da desconstrução, abordagem do ponto de vista da filosofia, podem ser entendidas como rastros, como trazendo o impossível do não evidenciamento imediato de pontos de fuga. Como os presos pouco conheciam da região, não eram do local, difícil era traçar e seguir exatamente um plano de fuga e em virtude disso no mais das vezes eram recapturados e alguns torturados até a morte. Outros, jamais retornavam. O que essas rotas de fuga guardam, talvez nunca venhamos a saber em toda a sua complexidade. No entanto, são indícios, vestígios que aguçam a nossa investigação. Rotas não bem traçadas, sem muito planejamento, mal delineadas e talvez nunca mais encontradas, rotas são fantasmais. Há toda uma fantasmalidade construída em torno do sofrimento e da resistência dos prisioneiros. Nossa pesquisa irá investigar os indícios e vestígios que restaram.

Graciliano Ramos havia sido preso sob acusação de relação com os comunistas, o que de fato nunca pode ser provado realmente, mas que é bastante comum nesses casos políticos: retirar de circulação sem provas. Identificamos nessas condenações políticas,



ontem e hoje, o fenômeno da repetição. Mas o que se repete nunca é o mesmo, nunca é igual, a diferença entre tragédia e farsa tão bem decantada em O Dezoito Brumário de Marx.

As rotas de fuga retraçadas aparecem filosoficamente como espectrais. Espectros são retornantes (*les revenants*), ao invés de simplesmente aparecerem, desafiam memórias que são de um passado que não gira em torno de uma presença, desafiam a morte. É preciso interiorizar o morto, mas enquanto isso não se dá, há um trabalho de luto que é o acolhimento do morto para que depois ele possa partir sozinho. Eis a realidade fantasmal.

Retraçar novamente estes caminhos é estarmos em meio ao mundo dos espectros: silêncios, esconderijo nas matas, trilhas que levam ao mar, o desafio do mar. As rotas não são as rotas turísticas, as trilhas não são as do lazer, mas aquelas da fuga e esperança de alcançar o mundo e a liberdade. Trilhas e rotas de fuga aparecem aqui como rastros, ou seja, estes não se afirmam como marcas empíricas que se apagam, mas como movimento meio oculto, meio escondido., que produz a ocultação de si, como dissimulação de si ( Derrida, 1973, p57). Rastro, então, não se opõe à presença, não é um traço que sofreu um apagamento, mas mesmo não visível, está lá e cumpre fazê-lo “desocultar” o ocultamento. Trilhas e rotas de fuga podem estar demarcadas no chão, mas o que não aparece e que faz denotar a andança, o esconder, o fugir, eis o rastro. Pensar a Ilha Grande como espaçamento proporcionado pela noção de rastro é trazer a desconstrução e seus desvios como proposta acontecimental na investigação.

O rastro, assim como a *différance* (grafada com **a** em francês, denotando o jogo das diferenças) são considerados operadores da desconstrução; são a própria desconstrução. É esse caminho a ser trilhado pela filosofia nesta pesquisa. O rastro é possibilitado eventualmente. O rastro será a impressão “imotivada”, quando cada elemento do sistema é marcado por todos os outros que ele não é. O rastro puro seria a *différance*.

A desconstrução como *pensamento do rastro* irá desestruturar o fonologismo presente, por exemplo, na teoria de Saussure (o jogo das diferenças estabelecido a partir do valor diferencial do signo em Saussure está na base do sistema linguístico), irá deslocar o caminho traçado pelo logocentrismo (privilégio do logos denotado em todo o pensamento ocidental).

Com relação ao trabalho a ser desenvolvido com as trilhas, a noção de rastro nos auxiliará no ateste de que não é suficiente considerar apenas os sítios arqueológicos pré-



coloniais registrados, que até o presente momento são em sua maioria sítios oficina (polidores amoladores fixos), com a presença de sambaqui e acampamentos; sítios que localizados próximos à praia ou não muito distante desta, fazem concluir que, então, não se pode atestar o seu registro nas áreas mais interioranas da Ilha Grande. No entanto, o movimento do rastro talvez permita indicar que é possível encontrarmos no interior da Ilha vestígios de sítios ainda não encontrados e que supomos Guaianá.

A presença de indígenas Guaianá na Ilha Grande é mencionada nas fontes do século XV; entretanto, as fontes silenciam após a conquista. No litoral sul fluminense as ocupações Guaianá são indicadas em áreas serranas. No território Guaianá existia uma rede de caminhos que ligava vários pontos do litoral ao interior, de Angra dos Reis até Paranaguá. Em Aparecida do Norte, Roseira e Guaratinguetá (SP), foram encontrados sítios arqueológicos com cerâmica similar àquela que aparece em Parati (RJ), mostrando a existência de um corredor ligando o interior ao litoral (Souza, 1977:75). Cabe lembrar que os Tupinambá, conhecidos no Rio de Janeiro como Tamoios, disputavam os mesmos locais com os Guaianá, sendo sua presença intensamente descrita pelos colonizadores, utilizando a mesma rede de caminhos. Estes mesmos caminhos serão explorados nos séculos seguintes por seus moradores, seja para atividades de subsistência, sociais ou atividades ilegais como contrabando e tráfico de escravos. Caminhos que no período do Presídio se tornam as rotas de fuga, que nem sempre alcançavam êxitos.

Como podemos observar, são os caminhos que se inter cruzam ao longo dos séculos, o que se torna objeto de estudo que permita compreender as ocupações humanas, seus encontros e desencontros.

Adotamos como pressuposto que os caminhos e trilhas fazem parte do cotidiano das pessoas para realização de atividades do cotidiano como caça, coleta de alimentos e migração. Independentemente de sua importância, traçados históricos foram apagados ou substituídos por estradas e trilhas modernas e contemporâneas. Assim, para o estudo e a obtenção do traçado de um caminho antigo são utilizados como ferramentas mapas antigos, descrições e relatos de viajantes, bem como informações do imaginário da população local.

Desta forma, será possível a partir da análise das fontes históricas, uma melhor compreensão das ocupações nos séculos anteriores. A partir da coleta e análise dos relatos dos moradores, nativos e os remanescentes oriundos do presídio (guardas,

familiares), há como investigar as condições epistemológicas de constituição do conhecimento arqueológico, histórico e filosófico considerando as experiências sociais do passado e do presente.

O levantamento de dados históricos consistirá na localização e análise de documentos e obras bibliográficas sobre a área em diversas instituições, bem como através de entrevistas com outros pesquisadores. Os procedimentos a serem implementados para obtenção de informações orais deverão ser distintos de acordo com o perfil do entrevistado. No caso de pesquisadores que atuem na região e agentes ligados ao presídio as entrevistas deverão ser mais objetivas. Em outros casos, aplicar-se-á a técnica do *recit de vie* mais apropriada àqueles que não dominam o conceitual básico da história e que espontaneamente falam através de suas histórias de vida, da História da região. Especificamente encontram-se nesse caso os moradores comuns da região. O diálogo permanente entre documento escrito e fonte oral certamente revelará expressões histórico culturais já quase soterradas pelo tempo.

A utilização de fotografias aéreas para identificação de sítios arqueológicos não é uma ferramenta recente na arqueologia brasileira, tendo sido também aplicada para identificar as trilhas indígenas e reconstruir o seu traçado dentro dos limites da Cidade de São Paulo (Gonçalves, 1998), bem como para “estrada dos Goiasés” dentro da área urbana da Cidade de Campinas (Rossetto, 2006). Esta ferramenta utilizada em conjunto com imagens de satélite auxilia na identificação de áreas arqueológicas, sendo complementada com a utilização de drones, de forma a otimizar os trabalhos de campo. Trata-se assim, de aplicar e desenvolver propostas não interventivas para a definição das áreas de potencial arqueológicos e históricos; executar levantamentos sistemáticos de superfície, de forma a identificar os setores de ocorrência de vestígios arqueológicos; realizar observações de subsuperfície através de sondagens e prospecções arqueológicas nos setores selecionados; identificar vestígios arqueológicos e características culturais historicamente dimensionadas; analisar as condições de espectralidade que evidenciam o aparecimento e desaparecimento de comunidades originárias na Ilha, assim como dos presídios, notadamente o de Dois Rios (séculos XIX e XX).

Considerando a produção de conhecimento em História e Arqueologia, a Filosofia adotará como perspectiva metodológica principalmente a análise textual e de discurso. Tendo por base que toda experiência vivida deve se tornar experiência compreendida e tendo por tarefa produzir conhecimento, buscar sentido e significado para as diferentes realidades que se nos apresentam, a filosofia irá considerar a dimensão histórica dos

conhecimentos, da reflexão sobre a comunidade política e sua história. A trajetória da filosofia nesta discussão é epistemológica, mas é também ético-política. Questões como territorialização, desterritorialização podem contribuir para a pesquisa no sentido da compreensão dos povos sambaquieiros e indígenas, para a compreensão das relações sociais estabelecidas na Ilha ao longo da história. A identificação e registro de antigos caminhos, bem como de vestígios arqueológicos em áreas para o interior da ilha serão importantes para essa trajetória investigativa e para o acontecimento desconstrução quando pontuado.

Com relação à questão das prisões de Ilha Grande é possível refletir sobre o exercício do poder e as formas de apropriação da vida prisional. Possível ainda trabalhar com a frequência dos espectros, a demarcação filosófica da spectralidade em relação à espacialidade de Ilha Grande, o presídio de Vila Dois Rios e suas rotas de fuga.

A proposta da pesquisa pretende, assim, abranger as áreas de discussões indicadas por Hodder (1988): a relação entre cultura material e sociedade, as causas das mudanças (social, econômica e cultural), e como os pesquisadores interpretam o passado e visualizam as relações com o momento presente.

É fundamental que nesse exercício transdisciplinar sejam desenvolvidas ações que discutam a importância da preservação Patrimônio Arqueológico e Histórico em Ilha Grande. A identificação de vestígios arqueológicos na área sob administração da UERJ estabelecerá em conjunto com as diferentes áreas de conhecimento, estratégias de preservação e socialização do conhecimento envolvendo essas diversas áreas de saber.

### Referências Bibliográficas

BELTRÃO, Maria C. *Pré-História do Estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Forense Universitária/SEEC, 1978.

COSTA, G. V. L. *O Aventureiro, Ilha Grande-RJ: Uma Análise de Mudança Social*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

DERRIDA, Jacques *Spectres de Marx- L'État de la dette, le travail du deuil et la nouvelle Internationale*. Paris: Galilée, Trad. port. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994

\_\_\_\_\_. *De la Grammatologie*, Paris: Minuit, 1967. trad Miriam Schnaiderman e Renato J. Ribeiro. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973(a).

\_\_\_\_\_. *La Dissémination*. Paris: Seuil, 1972.

FUNARI, P. P. A. Arqueologia, História e Arqueologia histórica no contexto sul-americano. In: FUNARI, Pedro Paulo A. (org), *Cultura Material e Arqueologia Histórica*. Campinas, IFCH-UNICAMP, 1998, pp. 7-34.

\_\_\_\_\_. Algumas contribuições do estudo da cultura material para a discussão da história da colonização da América do Sul. *Tempos Históricos*, 1 (1), 1999: 11-44.

\_\_\_\_\_. A Arqueologia Pública na América Latina e seu contexto mundial. *Fronteiras, Revista de História (UFMS)*, Campo Grande, v. 6, n. 11, p. 87-96, 2002.

FUNARI, P.P. A & OLIVEIRA, N.V. Arqueologia em Angra dos Reis, RJ. *Textos Didáticos*, IFCH/UNICAMP, v. 55, p. 1-62, 2005.

FUNARI, P. P.A; NEVES, E. G.; PODGORNY, I. Introdução – a primeira reunião internacional de teoria arqueológica na América do Sul: questões e debates. Anais da I Reunião Internacional de Teoria Arqueológica da América do Sul. *Revista do MAE*. São Paulo, USP, Suplemento 3, p.1-12. 1999.

GASPAR, M.D. & TENÓRIO, M.C. Amoladores e polidores fixos do litoral brasileiro. *Revista do CEPA*, vol. 17 (20), p.181-190, 1990.

GONÇALVES, Daniel Issa. O Peabiru: uma trilha indígena cruzando São Paulo. São Paulo, FAU – *Cadernos de Pesquisa do LAP*, 1998

GURGEL, Heitor & AMARAL, Edelweiss Campos. *Paraty, Caminho do Ouro*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1973.

HODDER, Ian *Interpretación en Arqueologia. Corrientes actuales*. Barcelona, Editorial Crítica, 1988.

KNIVET, Antony Narração da Viagem que, nos annos de 1591 e seguintes, fez Antonio Knivet da Inglaterra ao mar do Sul, em companhia de Thomaz Candish. *Revista do IHGB*, 4(1): 24-272, 1875.

LESSA, Orígenes *Ilha Grande( do jornal de um preso de guerra)*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1933.

LIMA, Honório *Notícia Histórica e Geográfica de Angra dos Reis*. Rio de Janeiro, Ed. São José, 1974.

LIMA, Tania A. Ocupações Pré-Históricas em ilhas do Rio de Janeiro. In: BELTRÃO, M.C. (org.), *Arqueologia do Estado do Rio de Janeiro*. Niterói, Arquivo Publico do Estado do Rio de Janeiro, pp. 95-104, 1995.

MELLO, Carl Egbert Hansen Vieira *Apontamentos para servir à História Fluminense (Ilha Grande), Angra dos Reis*. Ed. Do Conselho Municipal de Cultura, 1987.

MENDES, Alípio *Ouro, Incenso e Mirra*. Angra dos Reis, Ed. Gazeta de Angra, 1970.

MENDONÇA DE SOUZA, Alfredo *Pré-História de Parati. Nheengatu*, 1(2),pp.47-90, 1977.

\_\_\_\_\_*Pré-História Fluminense*. IEPC/SEEC, Rio de Janeiro, 1981.

OLIVEIRA, Nanci Vieira *Arqueologia y Historia: un estudio de un Aldeamento Jesuítico en Rio de Janeiro*. In: FUNARI, P.P.A.; ZARANKIN, Andres. (Org.). *Arqueología Histórica em América del Sur, los desafíos del siglo XXI*. Bogotá, p. 78-982, 2004.

\_\_\_\_\_*Angra 3. Diagnóstico do Potencial Arqueológico*. Rio de Janeiro, Eletrobrás Eletronuclear, 65 pp, 2006.

OLIVEIRA, Nanci Vieira; AYROSA, Pedro Paulo S. Polidores e Amoladores fixos de Piraquara, Angra dos Reis. *Anais da VI Reunião Científica da SAB*, Rio de Janeiro, p. 753-760, 1992.

OLIVEIRA, N. V. “Fortaleza de Piraquara, Angra dos Reis – RJ” In: *Mneme Revista de Humanidades* , v.5, pp.124 – 139, 2004.

OLIVEIRA, Nanci Vieira de; Amaral, D.M.C.R *Contribuição da Arqueologia para a História do Litoral Sul Fluminense: do caminho do ouro ao caminho da serra* In: *Formação e Ocupação de litorais nas margens do Atlântico – Brasil/Portugal*.1 ed.Rio de Janeiro : Cordobã, p. 131-152, 2014.

OLIVEIRA, N. V. & FUNARI, P. P. A. *Estratégia de Ocupação e Defesa da Baía de Ilha Grande: Piraquara, uma fortificação invisível* In: *Anais XIII Congresso da SAB. Arqueologia, Patrimônio e Turismo – CDROM*, Campo Grande, Ed. Oeste, 2005.

OLIVEIRA, Nanci Vieira; FUNARI, Pedro Paulo A. *Contribuições da Arqueologia Histórica para o estudo dos assentamentos costeiros sul-fluminenses*. *Revista de História da Arte e Arqueologia (Online)*, v.19, p.5 – 25, 2013.

OLIVEIRA, Nanci Vieira de, FUNARI, Pedro Paulo A, CHAMORRO, Leandro K.M. *Arqueologia Participativa: Uma experiência com Indígenas Guaranis*. *Revista de Arqueologia Pública.* , v.4, p.13 - 19, 2011.

OLIVEIRA, Nanci Vieira de; SILVA, Ivan Francisco. Armação de Baleia na Marambaia: uma Abordagem da Arqueologia Histórica In: *Baía de Sepetiba. Estado da Arte* ed.Rio de Janeiro : Corbã, v.1, p. 197-213, 2012.

OLIVEIRA, Nanci Vieira ; SILVA, Ivan Francisco Poder e Fortificações: Uma Abordagem Arqueológica da Ocupação e Defesa do Litoral Sul Fluminense In: *Interações Homem-Meio nas zonas costeiras: Brasil / Portugal*. Rio de Janeiro : Corbã, v.1, p. 187-197, 2013.

OLIVEIRA, Nanci Vieira de; SILVA, Luciano Pereira. Paisagens Culturais e Rituais de Sepultamentos na Região do Pantanal de Cáceres, Mato Grosso, Brasil. In: *O Homem e as Zonas Costeiras.1* ed.Rio de Janeiro : Corbã/FAPERJ, v.IV, p. 106-118, 2015.

\_\_\_\_\_ Rituais Funerários da região do pantanal de Cáceres, Mato Grosso, Brasil In: *As experiências sociais da morte: Diálogos interdisciplinares*. ed.Jundiaí : Paco Editorial, v.1, p. 211-236, 2016.

ORSER JR, C. E. (1999) A teoria de rede e a Arqueologia da História Moderna. Anais da I Reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América do Sul, *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, USP, Suplemento 3*:87-101.

\_\_\_\_\_ *Historical Archaeology*. 2P<sup>ndP</sup>.ed. New York, Prantice Hall, 2004.

PREUCEL Robert W.; HODDER, Ian (editors) *Contemporary Archaeology in Theory: A Reader*. Oxford, UK ; Cambridge, Mass., USA : Blackwell, 1996.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília, Ed. UnB, 1992.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. vol 2. Rio de Janeiro, ed Record, ( edições do Círculo do Livro), 1984.

SANTOS, Myrian Sepúlveda Os Porões da República: A colônia Correccional de Dois Rios entre 1908 e 1930. *TOPOI*, v. 7, n. 13, pp. 445-476, 2006.

\_\_\_\_\_ Lazareto da Ilha Grande: isolamento, aprisionamento e vigilância nas áreas de saúde e política (1884-1942). *Hist. cienc. Saúde Manguinhos*, vol.14 no.4, Rio de Janeiro, <http://dx.doi.org/10.1590/S010459702007000400005>, 2007.

SCHNOOR, Eduardo Cavalcanti Escravos e cidadãos na Ilha Grande: a alvorada republicana demorou a chegar. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.19, supl., p.233-258, 2012.

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. Espacialidades e Espectralidades Abissais.in *Políticas do Lugar*. Org Dirce Eleonora Solis e Marcelo Moraes. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, pp 19-53, 2016..

\_\_\_\_\_. Espectros de Marx ou a filosofia no desvio. In Revista de Filosofia SEAF. Ano 10- no. 10. Rio de Janeiro: SEAF/UAPÊ, 2011, 157-173.

\_\_\_\_\_. Jacques Derrida e a frequência dos espectros. In *Heranças de Derrida. Da Ética à Política*. Org. Rafael Haddock-Lobo, et alli. Rio de Janeiro: Nau editora, 2014, 143-164.

SOUZA, Marcos André Torres A Arqueologia dos grupos indígenas em contextos históricos: problemas e questões. *Revista de Arqueologia*, 30 (1), pp 144-153, 2017.

STADEN, Hans *Duas viagens ao Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1974.

TENÓRIO, M.C. Pesquisas arqueológicas na Ilha Grande, RJ – Sítio Ilhote do Leste. *Anais VI Reun. Cient. SAB*, vol. I, pp. 292-303, 1992.

\_\_\_\_\_. Estabilidade dos Grupos Litorâneos Pré-Históricos. In: BELTRÃO, M.C. (org.) *Arqueologia do Estado do Rio de Janeiro*, Niterói, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, pp.43-50, 1995.

\_\_\_\_\_. Os Fabricantes de Machados da Ilha Grande. In: *Pré-História da Terra Brasilis*, Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, pp.233-246, 1999.

\_\_\_\_\_. O Lugar dos Aventureiros: identidade, dinâmica de ocupação e sistema de trocas no litoral do Rio de Janeiro há 3 500 anos antes do presente. Tese de Doutorado apresentada à Fac. de Filosofia e Ciências Humanas, PUC-RS, 2003.

VASCONCELLOS, Márcia Cristina Roma. *Que Deus Os Abençoe. Batismo de escravos em Angra dos Reis: o estudo de Mambucaba entre 1830 a 1859*. Angra dos Reis, Secretaria Municipal de Educação, 1998.

\_\_\_\_\_. *Famílias Escravas em Angra dos Reis, 1801-1888*. Tese de Doutorado apresentada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 273 pp, 2006.

Mapa de Ilha Grande:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ilha\\_Grande\\_topographic\\_map-PT.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ilha_Grande_topographic_map-PT.png)



